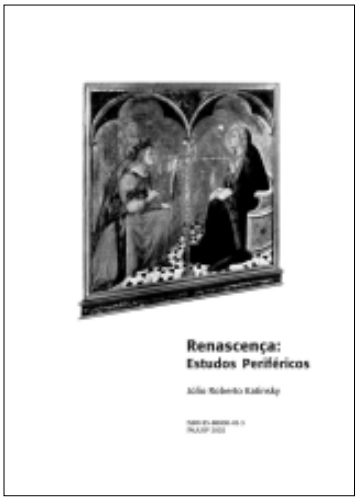

Renascença: estudos periféricos

KATINSKY, Júlio Roberto. São Paulo: FAUUSP, 2002. 230 p.

Paulo Marques

Mais do que honrado com a gratificante incumbência de produzir uma singela resenha do livro do Prof. Dr. Júlio Roberto Katinsky, confesso sentir-me envaidecido com tal convite por não ser arquiteto, nem tampouco artista no sentido lato que lhe é conferido. Meu vínculo com o professor Katinsky restringe-se ao fato de integramos, há quase duas décadas, um mesmo grupo de pesquisa voltado ao estudo da história da ciência, da técnica e da tecnologia. Ressalvado, contudo, o relevante antecedente de mantermos fugazes e prazerosas tertúlias semanais sobre assuntos que varrem desde a música erudita até a pintura. Englobando temas tão apaixonantes quanto o retardatário barroco brasileiro, quer do lado arquitetônico (refiro-me aqui ao estilo das igrejas coloniais, em particular a produção das obras do mestre Antônio Francisco Lisboa, "O Aleijadinho"), como a dos geniais compositores mulatos brasileiros do século 18, nitidamente caracterizada pelas monumentais obras dos padres José Maurício Nunes Garcia e Joaquim Emerico Lobo de Mesquita.

Para ser mais rigoroso ainda, além do fato de conhecer Katinsky como pesquisador de escol, tenho apreço por sua fecunda produção artística e intelectual. E isso é facilmente compreensível, sobretudo se considerarmos sua magnífica introdução à obra *"Marco Vitrúvio Polião: da arquitetura"* (São Paulo: Hucitec, 1999), por seu instigante artigo "*Florentine perspective and the development of modern science*" (LLULL, 23, 1995, p. 599-642) ou ainda por seu belo traço. Este último evidenciado pelos croquis editados na excelente *Revista Sinopses* (FAUUSP, número 31, junho 1999, p. 78-85).

Assim, ler (e estudar) o livro de Katinsky implicou conhecer mais e melhor a solidez dos conhecimentos do autor. Com solerte criatividade, Katinsky elabora seu livro com o mesmo refinamento praticado pela ourivesaria com a qual foram produzidas as palmas barrocas[1] que adornam as igrejas coloniais das cidades históricas brasileiras. Sobretudo a de Nossa Senhora do Carmo (Sabará, MG) com muitas de suas talhas esculpidas e finalizadas em madeira policromada pelo mestre Antônio Francisco Lisboa, "O Aleijadinho". Em outras palavras, com uma sofisticada estrutura de ordem gramatical indireta que obriga o leitor a concentrar-se na leitura do texto. Algo que lembra o rebuscado estilo literário barroco, tal

(1) Ornamentos reproduzindo folhas e flores, produzidas em lâminas de cobre recobertas por banho de ouro que, em geral, são colocados em vasos solitários para enfeitar os altares das igrejas barrocas brasileiras.

como o empregou o padre Antonio Vieira em seus refinados *Sermões*. Ao contrário, por exemplo, do estilo seco, direto e extremamente palatável, eleito por Guimarães Rosa ou Graciliano Ramos, cuja leitura das obras é facilitada pelo uso da ordem direta na redação em língua portuguesa e na qual se encontram ordenados, sucessivamente, sujeito, verbo e predicados.

Seguindo-se à apresentação assinada pela atual diretora da FAUUSP, Profa. Dra. Maria Ruth Amaral de Sampaio, figura o prefácio de Ubiratan D'Ambrósio com a justa e devida observação de *"Historiadores das ciências e da matemática estão agradecidos a Júlio Roberto Katinsky por nos oferecer, reunidas, suas importantes contribuições"* (p. 11). Ato contínuo figura o primeiro texto da produção de Katinsky, de título "Explicação Necessária", no qual o autor esclarece tratar-se de um livro reunindo *"ensaios escritos há mais de 20 anos, todos versando sobre os problemas do desenho e sua relação com a cultura ocidental, a partir, principalmente, do século 15"* (p. 14). Nesse mesmo capítulo, Katinsky expõe o plano do livro, agradece a seus colaboradores (autor das fotos, Eduardo Castanho, e tradutora das biografias empregadas, Vilma K. Barreto de Souza) e sugere a seu público leitor – citando nominalmente seus orientandos e demais alunos de pós-graduação – que pretende mostrar *"como uma intuição ideológica se transforma, pelo trabalho de investigação, em precisa proposição científica".* (p. 15). Ao concluir o mesmo *take* com sabedoria e cultura, evoca Georges Bracque por meio de seu expressivo aforismo: "*J'aime la regle qui corrige l'emotion; J'aime l'emotion qui corrige la regle.*" (p. 16).

A partir daí o público leitor encontrará 190 páginas de puro deleite na leitura, distribuídas pelos oito capítulos complementares, dentre as quais se mesclam cultura, erudição e densa informação sobre o "moderníssimo" do século 15 que está, ainda, a desafiar-nos há mais de 500 anos. Com efeito, embora a idéia não esteja explicitamente verbalizada na obra de Katinsky, uma possível e muito provável leitura da obra aberta do primoroso livro de Katinsky remete-nos a um dos mais famosos glamourosos livros sapienciais do Antigo Testamento da Bíblia. Refiro-me ao Eclesiastes, de origem incerta, mas freqüentemente atribuído a Salomão, em que figura: "*Nihil novi sub sole* (nada há de novo debaixo do Sol)"[2]. Tal assertiva é cristalinamente convalidada se considerarmos a obra do pintor britânico David Hockney, *O conhecimento secreto: redescobrindo as técnicas perdidas dos grandes mestres* (São Paulo: Cosac&Naify, 2001), na qual repetindo a utilização de lentes, espelhos côncavos e câmeras escuras – princípio de funcionamento das máquinas fotográficas, concebidas e comercializadas em escala depois de meados do século 19, obteve como resultado efeito idêntico ao conseguido pelo artista flamengo Van Eyck, que o utilizou com pleno êxito cinco séculos antes. O mesmo raciocínio pode ser estendido à produção arquitetônica e pictórica de seu contemporâneo florentino Brunelleschi, como demonstra o livro de Katinsky nas páginas 84 e seguintes.

(2) Eclesiastes, cap. 1, verso 9. *A Bíblia de Jerusalém*. 7ª impressão. São Paulo: Paulus, 1995. p. 1167.

Por outro lado, curiosamente ao contrário da maioria de nossos colegas de docência e pesquisa na USP, Júlio não hesita em citar em seus artigos e livros autores e cientistas que lhe são opositores. Ao que tudo indica, Katinsky persegue obstinadamente a qualidade, independentemente do fato de as pessoas citadas lhe serem simpáticas ou não. Com isto, Júlio descarta o abominável patrimonialismo e a prática da ação entre amigos. Tal grandiosidade é desvelada também no livro, objeto desta resenha, tanto que, apesar de agnóstico notório e

confesso, emprega como epígrafe ao oitavo capítulo (Renascença, p. 130), citação de Clairvaux, quando aquele grande místico asseverou: *"Pois como posso dora em diante me contentar com palavras? Vale bem mais confirmar as palavras pelos efeitos".* Ora, vai aí um justo tributo a São Bernardo de Clairvaux (1090-1153), importante para o pensamento cristão da baixa Idade Média até os dias de hoje (como se verá adiante) não exatamente por ser santo, mas por ter pertencido à Ordem Cisterciense e haver mantido relação de profunda intimidade com a Ordem dos Cavaleiros do Templo – ou os Templários[3] – na época de sua instituição, quando o primeiro grão-mestre foi Hugh de Payens.

Por tudo o que foi escrito é imperativo indicar *Renascença: estudos periféricos*, como leitura obrigatória e obra de referência para arquitetos, físicos, matemáticos, engenheiros e historiadores que queiram ampliar verticalmente seus conhecimentos sobre a perspectiva, o renascimento, o neoclassicismo e a ciência (básica e aplicada) produzida no interregno compreendido entre os séculos 15 a 17.

Críticas à obra, no entanto, existem. E creio que o próprio autor, de mérito sobejamente comprovado, concordará que nas próximas edições haverá a necessidade de expurgo de erros e equívocos decorrentes de uma obra muito possivelmente editada às pressas. Dessa maneira, grafar "óptico" (visão) ao invés do equivocado "ótico" (audição), ou o deslize de empregar "perilogo" (palavra inexistente no vernáculo) em lugar de "prólogo" são erros até compreensíveis em uma primeira edição. Mas absolutamente inaceitáveis na segunda edição e nas seguintes. Bem como a falta de crédito ao autor da ilustração da capa e das vinhetas do livro que, salvo melhor juízo, é de autoria de Ambrósio Lorenzeti (pintor italiano de meados do século 14).

A firme expectativa e o grande desejo é o de que em breve seja lançada uma segunda edição, com a devida correção dos equívocos e omissões assinalados. Tenho a mais absoluta convicção de que, ao fim e ao cabo, Júlio perfilhará a expressiva alocução latina com a qual Thomas Merton (monge trapista[4] responsável pela primeira aproximação do catolicismo ao budismo e demais tradições filosófico-religiosas do Oriente, que nasceu em 1915 e morreu prematuramente em 1968), encerra seu primoroso livro *A montanha dos sete patamares* (São Paulo: Mérito, 1959. p. 462), no qual figura: "*Sit finis libri, non finis quaerendi*" (Termina-se a obra, não a busca). É oportuno mencionar que Merton, o maior contemplativo católico do século 20 e, por isto mesmo conhecido como "O apóstolo da compaixão", teve suas idéias e seu profícuo trabalho pastoral influenciado pela extensa obra do mesmo Bernardo de Clairvaux, parcimoniosamente citado por Katinsky.

(3) A Ordem dos Templários foi extinta em março de 1314 quando, por ordem do rei de França, Filipe IV, "O Belo", foi queimado vivo o último grão-mestre da instituição, Jacques de Molay. Interessados em aprofundar-se sobre a encantadora e trágica história dos templários poderão recorrer ao conjunto de obras de Maurice Druon (prêmio Goncourt de 1949 e, depois, ministro da Cultura da República Francesa) de título *Os reis malditos*, publicados pela Difel (São Paulo), pelos idos da década de 60.

(4) Monge secular a quem, além dos votos tradicionais de pobreza, castidade e humildade, acresce-se o de silêncio.

Paulo Marques
Professor de Pós-Graduação da USP. Ex-professor-visitante do Instituto de Estudos Brasileiros – IEA-USP e pesquisador-doutor do Centro de História da Ciência da Universidade de São Paulo – CHC-USP. Ex-pesquisador-bolsista do CNPq.